

LITERACIA, COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR ECONÔMICO: PANORAMA DE UMA DÉCADA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL

*LITERACY, BEHAVIOR AND ECONOMIC WELL-BEING: A TEN-YEAR PANORAMA
OF FINANCIAL EDUCATION RESEARCH IN BRAZIL*

Sérgio Alex Sander Silva¹
Douglas Marin²
Arlindo José Souza Junior³

RESUMO: Este artigo analisa a produção acadêmica brasileira sobre Educação Financeira a partir de uma perspectiva comportamental, mapeando dissertações e teses publicadas entre 2014 e 2024 na BDTD e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Adotando abordagem qualitativa de análise de conteúdo, foram selecionados 19 trabalhos organizados em dois eixos temáticos: Educação Financeira, Literacia e Formação de Conhecimento e Comportamento Financeiro e Bem-Estar Econômico. Os resultados evidenciam que as decisões financeiras não resultam exclusivamente da racionalidade, sendo atravessadas por fatores cognitivos, emocionais, sociais e culturais. Identificam-se avanços na compreensão interdisciplinar do campo, tensões críticas relacionadas à responsabilização individual e lacunas quanto à diversidade dos sujeitos investigados, à ausência de estudos longitudinais e ao predomínio de metodologias quantitativas. Conclui-se que o avanço da área exige abordagens mais críticas e contextualizadas, capazes de articular formação financeira, bem-estar subjetivo e justiça econômica, orientando-se pela emancipação e pela transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira; Literacia Financeira; Comportamento Financeiro.

ABSTRACT: This article analyzes Brazilian academic production on Financial Education from a behavioral perspective, mapping dissertations and theses published between 2014 and 2024 in the BDTD and the CAPES Catalog of Theses and Dissertations. Adopting a qualitative approach based on content analysis, 19 works were selected and organized into two thematic axes: Financial Education, Literacy and Knowledge Formation and Financial Behavior and Economic Well-Being. The results indicate that financial decisions are not

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Av. Randolfo Borges Júnior, 1400, Unidade III, Bairro Univerdecidade, Uberaba-MG. (34) 99867 2036. sergiaomatematica@yahoo.com.br.

² Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. Professor do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Avila - 2121, Bloco 1F, 34 3239-4126. douglasmarin@ufu.br.

³ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Avila - 2121, Bloco 1F, 34 3239-4126. arlindoufu@gmail.com.

exclusively driven by rationality, being shaped by cognitive, emotional, social and cultural factors. The findings reveal advances in the interdisciplinary understanding of the field, critical tensions related to individual responsibility, and gaps concerning the diversity of subjects investigated, the absence of longitudinal studies and the predominance of quantitative methodologies. It is concluded that progress in this field requires more critical and contextualized approaches, capable of articulating financial education, subjective well-being and economic justice, guided by the principles of emancipation and social transformation.

KEY-WORDS: Financial Education; Financial Literacy; Financial Behavior.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Educação Financeira consolidou-se como temática de crescente relevância em contextos globais, em virtude de seu papel na capacitação dos indivíduos para a gestão responsável dos recursos financeiros e na promoção de maior equidade socioeconômica. Em sociedades permeadas por sistemas financeiros complexos, o domínio de noções sobre finanças pessoais tornou-se fundamental para o exercício pleno da cidadania, influenciando decisões cotidianas e escolhas de longo prazo relacionadas ao consumo, investimento e planejamento econômico (Bauman, 2008).

Nesse cenário, a literacia financeira - compreendida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) como conjunto de conhecimentos, competências, atitudes e comportamentos necessários à tomada de decisões financeiras adequadas - ultrapassa o domínio técnico de conceitos econômicos, incorporando dimensões práticas, comportamentais e subjetivas. Conforme destacam Carmo e Tinti (2024), a literacia financeira é fundamental para a segurança econômica individual e familiar, articulando conhecimento e bem-estar financeiro de forma integrada.

A educação financeira deve, portanto, ser compreendida como processo contínuo e estratégico, voltado à formação de cidadãos capazes de tomar decisões conscientes, administrar recursos de forma eficiente e enfrentar imprevistos ao longo da vida (Mota; Gatto; Medeiros, 2023). Nessa perspectiva, Kistemann Jr., Giordano e Souza (2023) destacam a conexão entre literacia financeira e planejamento para o futuro, reforçando que sua inserção nos currículos escolares prepara os jovens para desafios econômicos, minimizando riscos e promovendo autonomia.

As contribuições das finanças comportamentais são essenciais para entender como os indivíduos se comportam diante de decisões econômicas na atualidade. Kahneman e

Tversky (1979), ao formularem a Teoria do Prospecto, demonstraram que decisões financeiras são sistematicamente influenciadas por vieses cognitivos, heurísticas e emoções, questionando o pressuposto da racionalidade plena presente nos modelos econômicos clássicos. Essa perspectiva evidencia que indivíduos tomam decisões sob condições de racionalidade limitada, sendo afetados por fatores subjetivos como aversão à perda, impulsividade e percepção assimétrica de riscos e ganhos.

A dimensão psicológica e emocional das práticas financeiras também encontra suporte nas contribuições de Baumeister (2002), para quem o autocontrole constitui elemento fundamental na regulação de comportamentos e na tomada de decisões. Nesse sentido, Diener (1984) reforça que aspectos econômicos e emocionais estão profundamente relacionados na construção do bem-estar subjetivo dos indivíduos. Já Schwartz (1992) acrescenta que valores humanos - como segurança, tradição e realização pessoal - orientam diretamente atitudes e escolhas em diferentes esferas da vida social, incluindo práticas de consumo, investimento e planejamento financeiro. Ao aprofundar essa perspectiva, Baumeister (2002), e colaboradores destacam que o autocontrole não se limita à contenção de impulsos imediatos, mas envolve a capacidade de regular conscientemente pensamentos, emoções e comportamentos em consonância com objetivos e valores pessoais,

Do ponto de vista educacional e crítico, Skovsmose (2001) defende que a educação deve possibilitar aos sujeitos condições de interpretar, questionar e transformar as estruturas sociais e econômicas nas quais estão inseridos. Esse pressuposto dialoga com Freire (1996), ao argumentar que processos formativos comprometidos com a transformação social precisam considerar as condições históricas e culturais dos sujeitos. Tais perspectivas ampliam a compreensão da educação financeira para além de uma abordagem técnica e instrumental, situando-a como prática social vinculada à emancipação, à cidadania e à justiça econômica.

No Brasil, embora a educação financeira esteja prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sua implementação efetiva ainda enfrenta desafios significativos, limitando seu potencial para promover inclusão e autonomia financeira. Esse cenário revela a necessidade de investigações que aprofundem a compreensão sobre como a temática tem sido abordada na produção acadêmica nacional, considerando não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões psicológicas, emocionais e sociais que atravessam as práticas financeiras dos sujeitos (Laval, 2019; Minayo, 2014).

Considerando essa realidade, o presente estudo analisa a produção acadêmica brasileira sobre Educação Financeira a partir de uma perspectiva comportamental, oferecendo um panorama de uma década de pesquisa sobre o tema. Os trabalhos selecionados foram organizados em dois eixos temáticos: Educação Financeira, Literacia e Formação de Conhecimento e Comportamento Financeiro e Bem-Estar Econômico. Essa organização permite identificar convergências, lacunas e tendências nas pesquisas da área, oferecendo um panorama abrangente sobre o estado do conhecimento produzido no campo.

2. METODOLOGIA

O presente estudo incorpora uma abordagem de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, seguindo a tipologia de análise de conteúdo, pois visa "abordar apenas um setor das publicações sobre o tema estudado" (Romanowski, 2006, p. 40), expressando os principais resultados do que foi produzido no campo em questão. Segundo Ferreira (2002), essa metodologia tem o propósito de produzir um balanço das pesquisas sobre uma determinada temática em um período estabelecido, não se tratando de uma revisão de literatura, mas de uma tentativa de indicar compreensões que carecem de estudos mais aprofundados.

Sustentados pelo desafio de responder ao objetivo proposto, realizou-se um mapeamento das produções acadêmicas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considerando o período de 2014 a 2024. Os descritores utilizados foram: (1) "*Educação Financeira*" e (2) *comportamento financeiro*, estratégia que possibilitou recuperar tanto produções com foco formativo quanto aquelas voltadas às dimensões psicológicas, emocionais e sociais das práticas econômicas.

O processo de busca resultou em 695 registros iniciais para o descritor "*Educação Financeira*". Após a aplicação dos filtros combinados, foram identificados 30 trabalhos no período delimitado. As produções que se afastavam do escopo da pesquisa foram excluídas mediante leitura minuciosa de resumos e sumários, procedimento correspondente à etapa de pré-análise proposta por Bardin (2016). Ao final, foram selecionados 19 trabalhos que constituem o corpus analítico deste estudo.

O tratamento do material seguiu as três etapas da Análise de Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados

com inferência e interpretação. Esse percurso permitiu identificar aproximações conceituais, tendências metodológicas, dimensões subjetivas, tensões críticas e lacunas investigativas presentes nas produções. Conforme destacam Creswell e Creswell (2021), abordagens qualitativas permitem captar nuances, significados e intencionalidades que ultrapassam os limites de análises estritamente quantitativas.

Os trabalhos selecionados foram organizados cronologicamente e, posteriormente, agrupados em dois eixos temáticos que emergiram da análise: Educação Financeira, Literacia e Formação de Conhecimento e Comportamento Financeiro e Bem-Estar Econômico. Essa organização permitiu identificar convergências, lacunas e tendências na produção acadêmica nacional, oferecendo um panorama abrangente sobre o estado do conhecimento no campo. Tal agrupamento está alinhado à perspectiva de Minayo (2014), segundo a qual a categorização temática constitui procedimento analítico fundamental para a organização e interpretação de corpora qualitativos complexos.

A escolha pela análise de conteúdo como procedimento metodológico central justifica-se pela sua capacidade de articular rigor sistemático e profundidade interpretativa. Bardin (2016) destaca que esse método permite ir além da descrição superficial dos textos, possibilitando inferências sobre os contextos de produção e os sentidos subjacentes às mensagens analisadas. No campo da educação financeira, essa abordagem revela-se especialmente pertinente, uma vez que as produções acadêmicas carregam não apenas dados empíricos, mas também concepções teóricas, escolhas epistemológicas e perspectivas ideológicas que precisam ser interpretadas criticamente.

A delimitação temporal entre 2014 e 2024 justifica-se por corresponder a um período de transformações significativas no campo da educação financeira no Brasil, marcado pela aprovação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) e pela posterior incorporação da temática na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse contexto ampliou consideravelmente a produção acadêmica sobre o tema, tornando relevante o mapeamento das abordagens, referenciais e lacunas presentes nas pesquisas produzidas nesse intervalo. Conforme argumenta Ferreira (2002), delimitar temporalmente o corpus de análise é condição metodológica essencial para garantir coerência e consistência ao balanço investigativo proposto.

As produções analisadas estão descritas no Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1 - Trabalhos acadêmicos em Educação Financeira no Brasil (2014–2024)

Autor/ano	Título	Tipo
Marco Antônio F. Melo (2016)	Educação Financeira, Poupança e Investimento	Dissertação
Virgínia Nicolau Gonçalves (2017)	Quem pensa no futuro poupa mais? O papel mediador do conhecimento financeiro na relação entre orientação para o futuro e segurança financeira pessoal	Dissertação
Marcelo Prudêncio Lima (2017)	Literacia Financeira e Endividamento Pessoal: Um estudo com alunos de cursos da área de negócios	Dissertação
Deodete Cunha Dos Santos (2017)	Educação Financeira E Planejamento Financeiro Para A Aposentadoria: Um Estudo Com Alunos De Pós-Graduação	Dissertação
Thiago Borges Ramalho (2017)	Modelo Estrutural de Literacia Financeira: Um estudo sobre o comportamento financeiro de brasileiros considerando grupos com diferentes níveis de conhecimento financeiro e autoconfiança	Tese
Rosimara Donadio (2018)	O perfil de risco do investidor e a tomada de decisão: uma abordagem comportamental	Tese
Guilherme Santos Souza (2019)	Endividamento: buscando as motivações comportamentais e os impactos na saúde	Dissertação
Andreza Maria Neves Manfredini (2019)	As relações com o dinheiro: construindo, destruindo, re e co construindo caminhos possíveis com o dinheiro na família	Tese
Thiago Luiz Godoy do Nascimento (2019)	O papel do comportamento financeiro e da educação financeira no endividamento	Dissertação
Fabio Lemos Mota (2019)	A educação financeira como ferramenta educativa frente ao consumo alimentado pelas agências financeiras	Tese
Elton Parente de Oliveira (2019)	Qualidade de vida no trabalho relações com literacia financeira, bem estar financeiro e desempenho no trabalho	Tese
Jéssica Pulino Campara (2020)	Eu experiencial e eu recordativo: implicações para as finanças comportamentais	Tese
Marcos Antônio Andrade da Costa (2022)	A educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta cognitivo-comportamental	Dissertação
Lucas Silveira (2022)	Educação financeira: Análise da Influência dos Fatores de Personalidade com Conhecimentos Financeiros dos Alunos de Cursos Superiores de um Instituto Federal de Educação.	Dissertação
Rafaela Avelina Gomes (2022)	Relação entre alfabetização financeira e atitude monetária	Dissertação
Lilian Brazile Trindade (2023)	Um estudo da educação financeira no brasil: uma proposta de categorização de elementos do letramento financeiro	Tese
Camila Belli Kraus (2023)	Influência da educação financeira na tomada de decisão dos estudantes	Tese

Gabriel Antonio Dos Santos (2023)	A implantação da disciplina de educação financeira no ensino médio público paranaense e seu reflexo no consumidor de baixa renda	Dissertação
Manuela Santin de Souza (2023)	O perfil do investidor determina seu comportamento financeiro? Uma análise a partir de seus valores pessoais	Tese

Fonte: Dados da Pesquisa.

A análise das produções selecionadas, organizada nos dois eixos temáticos apresentados, permitiu identificar aproximações conceituais, tendências metodológicas, dimensões subjetivas, tensões críticas e lacunas investigativas que serão discutidas na seção seguinte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa seção organiza-se em torno de dois eixos temáticos que emergiram da análise das produções acadêmicas investigadas. O primeiro eixo, Educação Financeira, Literacia e Formação de Conhecimento, reúne estudos voltados à compreensão dos processos formativos relacionados ao desenvolvimento de competências financeiras, articulando contribuições da educação, economia e psicologia comportamental (OCDE, 2020; Skovsmose, 2001).

O segundo eixo, Comportamento Financeiro e Bem-Estar Econômico, agrupa pesquisas que investigam como fatores cognitivos, emocionais e sociais influenciam decisões relacionadas ao consumo, investimento, endividamento e qualidade de vida. Essas produções ultrapassam perspectivas estritamente racionais, incorporando dimensões subjetivas que ampliam a compreensão das práticas econômicas cotidianas (Kahneman; Tversky, 1979; Diener, 1984).

Embora distintos em seus focos analíticos, os dois eixos dialogam ao reconhecer que o conhecimento financeiro não se restringe ao domínio técnico, envolvendo também dimensões comportamentais, culturais e sociais. Essa complementaridade evidencia a consolidação de um campo interdisciplinar que articula formação crítica, bem-estar subjetivo e participação consciente nas dinâmicas econômicas contemporâneas (Freire, 1996; Bauman, 2008).

3.1. Educação Financeira, Literacia e Formação de Conhecimento

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) compreende a literacia financeira como um conjunto de conhecimentos, competências, atitudes e comportamentos necessários para que os indivíduos possam tomar decisões financeiras adequadas e alcançar bem-estar financeiro. Essa perspectiva amplia a compreensão da educação financeira para além do domínio técnico de conceitos econômicos, incorporando dimensões práticas e comportamentais relacionadas ao cotidiano dos sujeitos. Nesse contexto, a educação financeira passa a ser entendida como elemento fundamental para a promoção da resiliência financeira, da inclusão social e da participação consciente nas dinâmicas econômicas contemporâneas.

O termo Literacia é um conceito que nos últimos anos tem ampliado seu domínio e significado. Remontando ao termo tradicional do inglês, Literacia é sinônimo de culto, letrado e conhecedor da literatura. No sentido francês, significava aquele que é alfabetizado, que consegue ler e interpretar o que lê, em seu cotidiano. Atualmente, o discurso predominante considera literacia ao saber fazer, ou seja, às competências básicas de leitura, escrita e matemática, necessárias para o mercado de trabalho e para a realização de atividades essencialmente econômicas. (Muniz, 2023, p.5).

Em consonância com essa perspectiva, os estudos evidenciam a consolidação da educação financeira como um campo de investigação interdisciplinar, articulando contribuições da educação, economia, psicologia e finanças comportamentais. As pesquisas analisadas abordam temas como poupança, planejamento financeiro, aposentadoria, endividamento e segurança financeira, destacando a importância da literacia financeira e da educação formal na construção de competências voltadas à tomada de decisões conscientes e estratégicas. A partir da análise dos trabalhos, foi possível identificar aproximações conceituais, tendências metodológicas, dimensões subjetivas, tensões críticas e lacunas investigativas que contribuem para compreender os avanços e desafios da educação financeira no contexto brasileiro.

3.1.1. Aproximações teóricas e conceituais

Os estudos analisados compartilham a compreensão de que a educação financeira ultrapassa a mera transmissão de conteúdos econômicos, envolvendo processos de formação voltados à tomada de decisões conscientes. Em consonância com a definição da OCDE, os

trabalhos articulam conhecimentos, atitudes e comportamentos financeiros, evidenciando uma perspectiva que associa formação financeira ao bem-estar individual e social. Essa aproximação demonstra a consolidação de um campo interdisciplinar que mobiliza referenciais da educação, economia e psicologia comportamental.

Outro aspecto recorrente refere-se à distinção entre educação financeira, literacia financeira e letramento financeiro. Lima (2017) compreende a educação financeira como processo formativo, enquanto a literacia financeira corresponde à capacidade prática de aplicação dos conhecimentos adquiridos. Já Trindade (2023) amplia essa discussão ao incorporar elementos relacionados à autonomia e à cidadania financeira. Observa-se, portanto, uma evolução conceitual que desloca o foco exclusivamente técnico para dimensões sociais e formativas mais amplas.

As pesquisas também convergem ao enfatizar que o conhecimento financeiro não se restringe ao domínio conceitual, mas envolve competências aplicadas ao cotidiano. Nesse sentido, Gonçalves (2017) e Ramalho (2017) destacam que fatores como orientação para o futuro, autoconfiança e comportamento influenciam diretamente as decisões financeiras. Tal perspectiva aproxima os estudos das contribuições das finanças comportamentais, sobretudo ao reconhecer que escolhas econômicas são atravessadas por dimensões subjetivas e emocionais.

Além disso, identifica-se uma tendência de aproximação entre educação financeira e formação cidadã. Em especial, a categorização proposta por Trindade (2023) evidencia preocupações relacionadas à autonomia, planejamento e participação social. Essa perspectiva dialoga com os pressupostos da Educação Matemática Crítica, ao defender que o conhecimento financeiro deve contribuir para leituras críticas da realidade econômica e social. Conforme argumenta Skovsmose (2001), a educação deve possibilitar aos sujeitos condições de interpretar, questionar e transformar as estruturas presentes na sociedade. Assim, a educação financeira passa a ser compreendida como prática social vinculada à emancipação e à participação consciente.

3.1.2. Tendências metodológicas e contextuais

Os estudos apresentam predominância de abordagens quantitativas, especialmente por meio da aplicação de surveys, questionários estruturados e modelos estatísticos. Essa tendência evidencia uma preocupação em mensurar níveis de conhecimento, comportamento

e literacia financeira, buscando identificar padrões e relações entre variáveis socioeconômicas e cognitivas. Conforme destacam Creswell e Creswell (2021), pesquisas quantitativas possibilitam maior alcance amostral e análises comparativas, favorecendo interpretações generalizáveis sobre determinados fenômenos sociais.

Outro aspecto metodológico recorrente refere-se à utilização de amostras vinculadas ao ensino superior, sobretudo estudantes de graduação e pós-graduação. Os trabalhos de Lima (2017), Santos (2017) e Silveira (2022), por exemplo, concentram-se em contextos acadêmicos, indicando a universidade como principal espaço de investigação sobre educação financeira. Esse movimento demonstra a aproximação entre produção científica e formação profissional, mas também revela limitações quanto à diversidade dos sujeitos investigados e às realidades sociais contempladas.

No que se refere aos contextos investigativos, observa-se forte influência das transformações econômicas e sociais contemporâneas, especialmente relacionadas ao consumo, endividamento e planejamento financeiro. As pesquisas analisam práticas associadas à poupança, aposentadoria e segurança financeira, refletindo preocupações cada vez mais presentes na sociedade brasileira. Nesse sentido, Bauman (2008) argumenta que a sociedade contemporânea estimula formas intensas de consumo e individualização, ampliando desafios relacionados à gestão financeira e à estabilidade econômica dos indivíduos.

Embora predominem metodologias quantitativas, alguns estudos ampliam suas análises ao incorporar abordagens qualitativas e documentais. A pesquisa de Trindade (2023), por exemplo, utiliza análise de conteúdo para examinar documentos públicos de educação financeira e categorias presentes na BNCC. Tal movimento revela uma ampliação epistemológica no campo, aproximando a educação financeira de discussões curriculares e sociais. Conforme Bardin (2016), a análise documental permite compreender significados, estruturas e discursos que atravessam práticas educativas e políticas públicas.

3.1.3. Dimensões comportamentais e subjetivas

Os trabalhos analisados evidenciam uma aproximação significativa entre educação financeira e aspectos comportamentais, especialmente relacionados à tomada de decisão, planejamento e percepção de segurança econômica. Estudos como os de Gonçalves (2017) e Ramalho (2017) demonstram que o comportamento financeiro não depende

exclusivamente do domínio técnico de conteúdos, mas também de fatores subjetivos, como expectativas futuras, autoconfiança e capacidade de autocontrole. Essa perspectiva aproxima o campo das contribuições das finanças comportamentais e da psicologia econômica.

A influência da orientação para o futuro aparece como um dos principais elementos subjetivos discutidos nas pesquisas. Gonçalves (2017) identifica que indivíduos mais orientados temporalmente tendem a buscar maior conhecimento financeiro e apresentar comportamentos associados à poupança e ao planejamento. Tal compreensão dialoga com as contribuições de Kahneman (2012), ao reconhecer que decisões financeiras são influenciadas por processos cognitivos e emocionais, muitas vezes marcados por percepções de risco, expectativa e racionalidade limitada.

Outro aspecto recorrente refere-se à autoconfiança e aos fatores de personalidade como elementos que impactam diretamente as práticas financeiras. Ramalho (2017) demonstra que níveis elevados de autoconfiança podem favorecer comportamentos financeiros mais responsáveis, enquanto Silveira (2022) identifica relações entre ambiente familiar, personalidade e conhecimento financeiro. Essas análises revelam que a educação financeira envolve dimensões subjetivas construídas socialmente, extrapolando abordagens centradas apenas na transmissão de conteúdos técnicos ou matemáticos.

Além disso, os estudos sugerem que comportamentos financeiros são atravessados por fatores culturais, sociais e emocionais que influenciam a forma como os indivíduos lidam com consumo, endividamento e planejamento. Nesse contexto, autores como Moscovici (2015) destacam que as representações sociais interferem diretamente na construção de práticas e decisões cotidianas. Assim, as pesquisas do grupo apontam que compreender as dimensões subjetivas da educação financeira é fundamental para o desenvolvimento de propostas formativas mais críticas, contextualizadas e socialmente sensíveis.

3.1.4. Singularidades e tensões críticas

Embora os estudos analisados apresentem aproximações conceituais relevantes, algumas singularidades produzem tensionamentos importantes no campo da educação financeira. A pesquisa de Lima (2017), por exemplo, revela que níveis mais elevados de conhecimento financeiro não implicam, necessariamente, menor endividamento. Esse resultado rompe com perspectivas lineares que associam informação financeira à adoção automática de práticas econômicas racionais. Tal constatação evidencia a complexidade das

decisões financeiras e a necessidade de considerar fatores sociais, culturais e emocionais envolvidos nesses processos.

Outra tensão observada refere-se à predominância de abordagens centradas na responsabilização individual. Grande parte das pesquisas enfatiza competências pessoais, planejamento e autocontrole como elementos fundamentais para a estabilidade financeira. Contudo, essa perspectiva pode reduzir problemas econômicos estruturais a questões individuais de gestão financeira. Conforme argumenta Laval (2019), a racionalidade neoliberal tende a transferir para os sujeitos a responsabilidade por riscos e inseguranças produzidos por condições sociais mais amplas, como desigualdade, precarização do trabalho e exclusão econômica.

As singularidades metodológicas também produzem discussões relevantes. Enquanto a maioria dos estudos privilegia análises quantitativas, Trindade (2023) amplia o debate ao investigar documentos curriculares e políticas públicas relacionadas ao letramento financeiro. Essa abordagem desloca a discussão do comportamento individual para dimensões institucionais e educacionais. Tal movimento aproxima a educação financeira de debates curriculares e da formação cidadã, evidenciando que o tema não se restringe ao mercado financeiro, mas envolve disputas de sentidos no campo educacional.

Além disso, os estudos revelam tensões entre autonomia financeira e condicionantes sociais. Embora as pesquisas enfatizem a importância do planejamento e da literacia financeira, pouco discutem as desigualdades econômicas que limitam as possibilidades concretas de escolha dos indivíduos. Para Freire (1996), processos educativos críticos devem considerar as condições históricas e sociais dos sujeitos, evitando interpretações que culpabilizem indivíduos por problemas produzidos coletivamente. Nesse sentido, a educação financeira demanda abordagens que articulem conhecimento técnico, consciência crítica e justiça social.

3.1.5. Lacunas e perspectivas futuras

Apesar das contribuições apresentadas, os estudos analisados evidenciam lacunas importantes no campo da educação financeira. Observa-se predominância de pesquisas realizadas com estudantes do ensino superior, especialmente vinculados às áreas de negócios e pós-graduação. Esse cenário limita a compreensão sobre como diferentes grupos sociais constroem conhecimentos e práticas financeiras. Assim, tornam-se necessárias investigações

que contemplem sujeitos historicamente menos explorados, como estudantes da educação básica, trabalhadores informais e populações em situação de vulnerabilidade econômica.

Outra limitação refere-se ao predomínio de abordagens quantitativas, centradas na mensuração de competências e comportamentos financeiros. Embora esses estudos contribuam para identificar tendências e padrões, pouco exploram os sentidos subjetivos atribuídos às práticas econômicas. Conforme Minayo (2014), pesquisas qualitativas permitem compreender valores, crenças e experiências que não podem ser reduzidos apenas a indicadores estatísticos. Nesse sentido, abordagens etnográficas, narrativas e entrevistas podem ampliar a compreensão sobre a relação dos sujeitos com o dinheiro e o consumo.

Também se observa a ausência de estudos longitudinais que acompanhem mudanças no comportamento financeiro ao longo do tempo. Grande parte das pesquisas analisa percepções e práticas em momentos específicos, dificultando a avaliação dos impactos permanentes de programas de educação financeira. Essa lacuna torna-se relevante diante da necessidade de compreender se os conhecimentos adquiridos produzem transformações sustentáveis nas práticas cotidianas. Investigações futuras podem contribuir para analisar permanências, mudanças e limites das ações formativas no campo financeiro.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliar perspectivas críticas sobre educação financeira, incorporando discussões relacionadas às desigualdades sociais, cidadania e justiça econômica. Muitos estudos concentram-se no desenvolvimento de competências individuais, sem aprofundar condicionantes estruturais que influenciam as práticas financeiras. Para Skovsmose (2001), processos educativos críticos devem promover reflexão sobre realidades sociais e econômicas, favorecendo posicionamentos conscientes e transformadores. Assim, futuras pesquisas podem contribuir para consolidar uma educação financeira comprometida não apenas com o consumo racional, mas também com a formação cidadã e emancipatória.

3.2. Comportamento Financeiro e Bem-Estar Econômico

O comportamento financeiro tem sido crescentemente investigado a partir de perspectivas interdisciplinares que articulam contribuições das finanças comportamentais, da psicologia econômica e da educação financeira. Compreende-se que decisões relacionadas ao consumo, investimento, endividamento e bem-estar econômico não resultam

exclusivamente da racionalidade, mas também de fatores cognitivos, emocionais e sociais (Kahneman; Tversky, 1979).

Nesse contexto, o presente estudo analisa as aproximações teóricas, tendências metodológicas e dimensões subjetivas identificadas, evidenciando singularidades, tensões críticas e lacunas que orientam perspectivas futuras de investigação no campo do comportamento financeiro.

3.2.1. Aproximações teóricas e conceituais

Os estudos compartilham a compreensão de que o comportamento financeiro resulta da interação entre fatores cognitivos, emocionais e sociais. As pesquisas analisadas ultrapassam perspectivas estritamente econômicas, incorporando contribuições das finanças comportamentais e da psicologia econômica para compreender decisões relacionadas ao consumo, investimento, endividamento e bem-estar financeiro. Essa aproximação evidencia a consolidação de um campo interdisciplinar voltado à análise das dimensões subjetivas presentes nas práticas financeiras cotidianas.

Outro aspecto recorrente refere-se à relação entre educação financeira, literacia financeira e bem-estar econômico. Nascimento (2019) compreende a educação financeira como processo contínuo de capacitação para a gestão eficaz dos recursos financeiros, enquanto Oliveira (2018) associa a literacia financeira à melhoria da qualidade de vida e do desempenho no trabalho. Observa-se, assim, uma aproximação conceitual que articula conhecimento financeiro, estabilidade econômica e bem-estar subjetivo, ampliando a compreensão da educação financeira para além da dimensão técnica.

As pesquisas também convergem ao reconhecer que decisões financeiras não são orientadas exclusivamente pela racionalidade econômica. Estudos como os de Donadio (2018), Campara (2020) e Souza (2023) destacam a influência de fatores como autocontrole, memória, valores pessoais e tolerância ao risco nas escolhas financeiras. Essa perspectiva dialoga com as contribuições de Kahneman e Tversky (1979), ao evidenciar que julgamentos econômicos são atravessados por vieses cognitivos, emoções e racionalidades limitadas.

Além disso, identifica-se uma tendência de aproximação entre comportamento financeiro e saúde emocional. Souza (2019) demonstra que o endividamento excessivo produz impactos significativos sobre ansiedade, estresse e depressão, indicando que problemas financeiros extrapolam dimensões monetárias. Tal compreensão aproxima os

estudos das discussões sobre bem-estar subjetivo e qualidade de vida. Conforme argumenta Diener (1984), aspectos econômicos e emocionais encontram-se profundamente relacionados na construção das percepções individuais de satisfação e bem-estar.

3.2.2. Tendências metodológicas e contextuais

Os estudos apresentam predominância de abordagens quantitativas, especialmente por meio da aplicação de surveys, questionários estruturados, análises fatoriais e modelos estatísticos. Essa tendência evidencia a busca por identificar padrões de comportamento financeiro e relações entre variáveis psicológicas, econômicas e sociais. Conforme destacam Creswell e Creswell (2021), metodologias quantitativas possibilitam maior alcance amostral e contribuem para análises comparativas e inferenciais sobre fenômenos sociais complexos.

Outro aspecto metodológico relevante refere-se à interdisciplinaridade presente nas pesquisas. Os trabalhos articulam referenciais da economia, psicologia, administração e educação financeira para compreender práticas relacionadas ao consumo, risco, endividamento e bem-estar econômico. Estudos como os de Donadio (2018) e Campara (2020) demonstram forte influência das finanças comportamentais, utilizando conceitos ligados à racionalidade limitada, vieses cognitivos e percepção subjetiva. Tal movimento amplia as possibilidades analíticas sobre a tomada de decisão financeira.

Embora predominem abordagens quantitativas, o grupo também apresenta metodologias qualitativas e experimentais. Souza (2019), por exemplo, utiliza entrevistas qualitativas para compreender os impactos emocionais do endividamento, enquanto Campara (2020) desenvolve experimentos voltados à análise do “eu experiencial” e do “eu recordativo”. Essas estratégias metodológicas possibilitam compreender dimensões subjetivas do comportamento financeiro, permitindo interpretações mais aprofundadas sobre emoções, memória e percepção de bem-estar econômico.

No que se refere aos contextos investigativos, os estudos refletem preocupações contemporâneas relacionadas ao aumento do consumo, endividamento e insegurança financeira. As pesquisas analisam situações vinculadas ao ambiente corporativo, ao mercado de investimentos e às práticas de consumo cotidiano, evidenciando impactos financeiros sobre saúde emocional e qualidade de vida. Nesse sentido, Bauman (2008) argumenta que a sociedade contemporânea intensifica processos de individualização e consumo, ampliando pressões relacionadas à estabilidade financeira e ao desempenho econômico dos sujeitos.

3.2.3. Dimensões comportamentais e subjetivas

Os estudos evidenciam forte aproximação entre comportamento financeiro e dimensões subjetivas relacionadas às emoções, percepções e valores individuais. As pesquisas analisadas demonstram que decisões financeiras não são determinadas apenas por conhecimentos técnicos, mas também por fatores psicológicos, emocionais e sociais. Nesse contexto, as finanças comportamentais assumem papel central na interpretação das práticas econômicas, ao reconhecer que escolhas financeiras são influenciadas por racionalidades limitadas, impulsos e percepções subjetivas dos indivíduos.

A influência do autocontrole e da impulsividade aparece como um dos principais aspectos discutidos nas pesquisas. Donadio (2018) identifica que indivíduos com maior autocontrole apresentam maior tolerância ao risco financeiro, enquanto Souza (2019) associa o consumo impulsivo e a busca por satisfação imediata ao endividamento excessivo. Essas análises dialogam com as contribuições de Baumeister (2002), ao defender que o autocontrole constitui elemento fundamental para a regulação de comportamentos e tomada de decisões em diferentes contextos sociais.

Outro aspecto recorrente refere-se à relação entre experiências emocionais e bem-estar financeiro. Campara (2020), ao investigar o “eu experiencial” e o “eu recordativo”, demonstra que percepções financeiras são influenciadas tanto pelas experiências vividas quanto pelas memórias construídas sobre essas experiências. Tal perspectiva evidencia que satisfação financeira e percepção de risco são atravessadas por elementos subjetivos e emocionais. Conforme argumenta Kahneman (2012), avaliações econômicas frequentemente resultam de interpretações cognitivas marcadas por emoções e heurísticas.

As pesquisas também destacam que valores pessoais e contextos sociais influenciam diretamente o comportamento financeiro. Souza (2023) demonstra que indivíduos com valores associados à segurança e tradição apresentam maior aversão ao risco, enquanto valores ligados à realização pessoal favorecem decisões financeiras mais agressivas. Essa compreensão aproxima os estudos das discussões de Schwartz (1992), segundo as quais valores humanos orientam escolhas, atitudes e comportamentos em diferentes esferas da vida social, incluindo práticas econômicas e financeiras.

Além disso, os trabalhos evidenciam relações entre comportamento financeiro, saúde mental e qualidade de vida. Souza (2019) e Oliveira (2018) mostram que problemas

financeiros podem produzir ansiedade, estresse e impactos negativos no ambiente de trabalho e nas relações pessoais. Assim, o bem-estar financeiro passa a ser compreendido como dimensão vinculada não apenas à renda ou estabilidade econômica, mas também às condições emocionais e subjetivas dos sujeitos. Essa perspectiva reforça a necessidade de abordagens mais humanizadas e críticas na educação financeira.

3.2.4. Singularidades e tensões críticas

Embora os estudos apresentem aproximações conceituais importantes, algumas singularidades produzem tensionamentos relevantes no campo do comportamento financeiro. Donadio (2018), por exemplo, identifica que maiores níveis de educação financeira estão associados a maior tolerância ao risco. Tal resultado problematiza interpretações que associam educação financeira exclusivamente à prudência econômica, indicando que o conhecimento financeiro também pode estimular comportamentos mais ousados em contextos de investimento e tomada de decisão.

Outra tensão recorrente refere-se à compreensão do endividamento para além de suas dimensões econômicas. Souza (2019) demonstra que o endividamento excessivo produz impactos significativos na saúde mental, incluindo ansiedade, estresse e depressão. Essa perspectiva rompe com abordagens tradicionais centradas apenas em indicadores financeiros, aproximando o fenômeno de discussões relacionadas ao sofrimento psíquico e ao bem-estar subjetivo. Assim, os estudos analisados ampliam a compreensão do comportamento financeiro como experiência também emocional e social.

As pesquisas também evidenciam tensionamentos relacionados à responsabilização individual presente em parte das análises sobre bem-estar financeiro. Muitos trabalhos enfatizam autocontrole, planejamento e disciplina como elementos centrais para a estabilidade econômica. Contudo, essa perspectiva pode reduzir problemas financeiros complexos a capacidades individuais de gestão. Conforme argumenta Laval (2019), racionalidades neoliberais tendem a deslocar para os sujeitos responsabilidades associadas a processos estruturais, como desigualdade econômica, precarização do trabalho e instabilidade social.

Outro aspecto singular refere-se à valorização crescente de fatores subjetivos e culturais na compreensão das decisões financeiras. Souza (2023) demonstra que valores pessoais influenciam diretamente os perfis de investimento e a tolerância ao risco, enquanto

Campara (2020) destaca a influência das memórias e experiências subjetivas sobre a percepção financeira. Essas análises questionam modelos econômicos clássicos baseados na ideia de racionalidade plena, aproximando-se das contribuições das finanças comportamentais e da psicologia econômica contemporânea.

Além disso, os estudos revelam tensões entre bem-estar financeiro e lógicas de consumo presentes na sociedade contemporânea. Diversas pesquisas apontam que práticas impulsivas de consumo e busca por satisfação imediata contribuem para o endividamento e para o sofrimento emocional. Nesse sentido, Bauman (2008) argumenta que a sociedade de consumo produz sujeitos constantemente pressionados por padrões de desempenho, aquisição e satisfação. Assim, o comportamento financeiro passa a refletir não apenas escolhas individuais, mas também dinâmicas culturais e econômicas mais amplas.

3.2.5. Lacunas e perspectivas futuras

Apesar das contribuições apresentadas, os estudos do Grupo 2 evidenciam lacunas importantes relacionadas à diversidade dos sujeitos investigados. Grande parte das pesquisas concentra-se em investidores, trabalhadores e indivíduos adultos vinculados a contextos urbanos e institucionalizados. Esse cenário limita a compreensão sobre como diferentes grupos sociais experienciam práticas financeiras no cotidiano. Assim, tornam-se necessárias investigações voltadas a jovens da educação básica, populações vulneráveis, trabalhadores informais e sujeitos historicamente menos contemplados pelas pesquisas acadêmicas.

Outra limitação refere-se ao predomínio de abordagens quantitativas, especialmente centradas na mensuração de comportamentos, perfis de risco e níveis de alfabetização financeira. Embora essas metodologias permitam identificar tendências relevantes, ainda são reduzidas as investigações que aprofundam dimensões subjetivas, culturais e emocionais das experiências financeiras. Conforme argumenta Minayo (2014), abordagens qualitativas possibilitam compreender significados, percepções e experiências sociais que não podem ser plenamente captadas apenas por indicadores estatísticos.

Também se observa a ausência de estudos longitudinais capazes de acompanhar transformações duradouras no comportamento financeiro dos indivíduos. As pesquisas analisadas concentram-se, em grande medida, em recortes temporais específicos, dificultando a compreensão sobre permanências e mudanças nas práticas econômicas ao longo da vida. Essa lacuna torna-se especialmente relevante diante da necessidade de avaliar

os impactos sustentáveis de programas de educação financeira, intervenções educativas e experiências relacionadas ao endividamento e ao bem-estar econômico.

Outra perspectiva pouco explorada refere-se às influências das transformações tecnológicas e digitais sobre o comportamento financeiro contemporâneo. Os estudos analisados abordam práticas tradicionais de consumo, investimento e planejamento financeiro, mas ainda discutem pouco fenômenos recentes relacionados às fintechs, crédito digital, apostas on-line e redes sociais financeiras. Investigações futuras poderão contribuir para compreender como ambientes digitais influenciam emoções, impulsividade, percepção de risco e decisões econômicas na sociedade contemporânea.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliar perspectivas críticas sobre comportamento financeiro e bem-estar econômico, incorporando discussões relacionadas às desigualdades sociais, culturais e econômicas. Muitos estudos enfatizam competências individuais, autocontrole e planejamento financeiro, sem aprofundar condicionantes estruturais que influenciam práticas de consumo e endividamento. Nesse sentido, autores como Freire (1996) defendem que processos educativos críticos devem considerar as condições históricas e sociais dos sujeitos, favorecendo análises mais contextualizadas e socialmente comprometidas sobre educação financeira e bem-estar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções acadêmicas organizadas nos dois eixos temáticos evidencia a consolidação de um campo interdisciplinar dedicado à compreensão das práticas financeiras humanas. Os estudos demonstram que tanto a educação financeira quanto o comportamento econômico envolvem dimensões que ultrapassam o domínio técnico, articulando fatores cognitivos, emocionais, sociais e culturais. Essa perspectiva reafirma a necessidade de abordagens integradas, capazes de considerar a complexidade dos processos que orientam as decisões financeiras dos sujeitos (Kahneman; Tversky, 1979).

No eixo da Educação Financeira, Literacia e Formação de Conhecimento, os estudos evidenciam avanços na compreensão dos processos formativos voltados ao desenvolvimento de competências financeiras. As pesquisas articulam conhecimentos, atitudes e comportamentos, ampliando a definição de literacia financeira para além do domínio conceitual. Conforme a OCDE (2020), a educação financeira constitui elemento

fundamental para a promoção da resiliência e da participação consciente nas dinâmicas econômicas, contribuindo para a inclusão social e o bem-estar individual.

No eixo do Comportamento Financeiro e Bem-Estar Econômico, as pesquisas demonstram que decisões relacionadas ao consumo, investimento e endividamento são atravessadas por vieses cognitivos, valores pessoais e experiências emocionais. Estudos como os de Donadio (2018), Campara (2020) e Souza (2023) reforçam que escolhas financeiras refletem racionalidades limitadas e percepções subjetivas, dialogando com as contribuições das finanças comportamentais e evidenciando que o bem-estar econômico envolve também dimensões psicológicas e relacionais.

Ambos os eixos revelam tensões críticas relacionadas à ênfase na responsabilização individual presente em parte das pesquisas. Ao centrar-se em competências como autocontrole, planejamento e disciplina financeira, alguns estudos desconsideram condicionantes estruturais que limitam as possibilidades concretas de escolha dos sujeitos. Conforme argumenta Laval (2019), racionalidades neoliberais tendem a transferir para os indivíduos responsabilidades produzidas por processos sociais mais amplos, como desigualdade econômica, precarização do trabalho e exclusão social.

As lacunas identificadas nos dois eixos apontam para agendas investigativas convergentes. Observa-se predominância de pesquisas com populações universitárias e adultas inseridas em contextos urbanos e institucionalizados, além do predomínio de abordagens quantitativas e da ausência de estudos longitudinais. Conforme destacam Minayo (2014) e Creswell e Creswell (2021), a ampliação metodológica é fundamental para capturar dimensões subjetivas e acompanhar transformações duradouras nas práticas financeiras de diferentes grupos sociais.

Conclui-se que o avanço do campo exige abordagens mais críticas, contextualizadas e socialmente comprometidas, capazes de articular formação financeira, bem-estar subjetivo e justiça econômica. Para Freire (1996) e Skovsmose (2001), processos educativos transformadores devem considerar as condições históricas dos sujeitos, promovendo leituras críticas da realidade. Nesse sentido, a educação financeira e o estudo do comportamento econômico devem orientar-se não apenas pela eficiência técnica, mas também pela emancipação, cidadania e transformação social.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. A importância da educação financeira nas escolas públicas. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 12, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMEISTER, Roy F. Yielding to Temptation: Self-Control Failure, Impulsive Purchasing, and Consumer Behavior. *Journal of Consumer Research*, v. 28, n. 4, p. 670-676, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CAMPARA, Jéssica Pulino. **Eu experiencial e eu recordativo: implicações para as finanças comportamentais**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CARMO, Josiane Silva do; TINTI, Débora Lopes. Literacia financeira: conceitos e implicações para a educação básica. *Revista Brasileira de Educação Financeira*, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2024.

COSTA, Marcos Antônio Andrade da. **A educação financeira na formação profissional e tecnológica: uma proposta cognitivo-comportamental**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Goiás, 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIENER, Ed. Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, v. 95, n. 3, p. 542-575, 1984.

DONADIO, Rosimara. **O perfil de risco do investidor e a tomada de decisão: uma abordagem comportamental**. 2018. Tese (Doutorado) – [Instituição a confirmar], 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Rafaela Avelina. **Relação entre alfabetização financeira e atitude monetária**. 2022. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

GONÇALVES, Virgínia Nicolau. **Quem pensa no futuro poupa mais? O papel mediador do conhecimento financeiro na relação entre orientação para o futuro e segurança financeira pessoal**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, São Paulo, 2017.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. Prospect theory: an analysis of decision under risk. **Econometrica**, v. 47, n. 2, p. 263-291, 1979.

KISTEMANN JR., Marco Aurélio; COUTINHO, Cileda de Q.; FIGUEIREDO, Auriluci Carvalho de. Cenários e desafios da educação financeira com a Base Curricular Comum Nacional (BNCC): professor, livro didático e formação. **Em Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 11, n. 1, p. 1-26, jul. 2020.

KRAUS, Camila Belli. **Influência da educação financeira na tomada de decisão dos estudantes**. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2023.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIMA, Marcelo Prudêncio de. **Literacia financeira e endividamento pessoal: um estudo com alunos de cursos da área de negócios**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

MANFREDINI, Andreza Maria Neves. **As relações com o dinheiro: construindo, destruindo, re e co construindo caminhos possíveis com o dinheiro na família**. 2019. Tese (Doutorado) – [Instituição a confirmar], 2019.

MELO, Marco Antônio Ferreira. **Educação financeira, poupança e investimento**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOTA, Fabio Lemos. **A educação financeira como ferramenta educativa frente ao consumo alimentado pelas agências financeiras**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

MUNIZ JUNIOR, Ivail. **Literacia financeira e letramento matemático para a formação econômica e financeira na educação básica por meio de ambientes de educação financeira escolar**. *Revista Educação Matemática em Foco*, v. 12, n. 1, 2023.

NASCIMENTO, Thiago Luiz Godoy do. **O papel do comportamento financeiro e da educação financeira no endividamento**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2019.

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. O PISA e a literacia financeira: os resultados de Portugal. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, n. 21, p. 1-20, 2021.

OLIVEIRA, Elton Parente de. **Qualidade de vida no trabalho: relações com literacia financeira, bem-estar financeiro e desempenho no trabalho**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RAMALHO, Thiago Borges. **Modelo estrutural de literacia financeira: um estudo sobre o comportamento financeiro de brasileiros considerando grupos com diferentes níveis de conhecimento financeiro e autoconfiança**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. Curitiba: Ibpx, 2006.

SANTOS, Deodete Cunha dos. **Educação financeira e planejamento financeiro para a aposentadoria: um estudo com alunos de pós-graduação (lato e stricto sensu)**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Alves Faria, Goiânia, 2017..

SANTOS, Gabriel Antonio dos. **A implantação da disciplina de educação financeira no ensino médio público paranaense e seu reflexo no consumidor de baixa renda**. 2023. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Pampa, 2023.

SANTOS, Laís Thalita Bezerra dos; PESSOA, Cristiane Azevêdo dos Santos. **Educação financeira na perspectiva da educação matemática crítica: uma reflexão teórica à luz dos ambientes de aprendizagem de Ole Skovsmose**. *Boletim Online de Educação Matemática*, v. 4, n. 7, 2016.

SANTIN DE SOUZA, Manuela. **O perfil do investidor determina seu comportamento financeiro? Uma análise a partir de seus valores pessoais**. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

SCHWARTZ, Shalom H. Universals in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 25, p. 1-65, 1992.

SILVEIRA, Lucas. **Educação financeira: análise da influência dos fatores de personalidade com conhecimentos financeiros dos alunos de cursos superiores de um Instituto Federal de Educação**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2022.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papirus, 2001.

SOUZA, Guilherme Santos. **Endividamento: buscando as motivações comportamentais e os impactos na saúde**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em:

TRINDADE, Lilian Brazile. **Um estudo da educação financeira no Brasil: uma proposta de categorização de elementos do letramento financeiro**. 2023. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.